

## NO DELTA DO PARNAÍBA (2)

Como sempre que possível, fui a vários mercados municipais de Parnaíba, para conhecer um pouco do modo de vida local. Lá, encontrei uma sócia da humorista Fabiana Karla vendendo doce de buriti, que sempre trago de minhas viagens ao nordeste. Na praça principal, um índio pataxó (como aqueles que o Padinha e o Wagner Deocleciano gostavam de trazer a Franca) montou uma barraca e passava o dia vendendo uma garrafada que dava conta de qualquer mal, de “refluquis” a pedra nos rins, passando por dor nas pernas e erisipela. Nunca vi um índio que falasse tanto (e com sotaque da Bahia), a beberagem podia ser usada até como “engrossa-pau”, segundo o vendedor.

As praias são bastante diferenciadas, algumas belíssimas. A Praia do Arrombado é uma delas, com sua extensa faixa de areia branca e céu azul, ainda vazias de turistas, ideal para naturistas e peladões. A praia da Pedra do Sal destaca-se por causa dos enormes blocos rochosos arredondados que invadem o mar e que, quando as marés baixam, guardam poças d’água que evaporam, deixando montículos de sal. Uma das coisas interessantes (lembrei-me da Tati Simone) é o grande parque eólico que acompanha a nesga de areia branca, com seu desenho esbelto a produzir energia elétrica com baixo impacto ambiental.

Já a mais frequentada, a de Atalaia, surpreendeu pelo turismo popular. Milhares de pessoas e ônibus invadem suas areias e o governo erigiu grandes estruturas onde as pessoas ficam à sombra e podem comer o que trazem de casa (seria a tradicional “farofa”, que nas praias paulistas são perseguidas pelos higienistas e elitistas, que querem as praias privatizadas). Decepção foi a “Lagoa do Portinho”, cartão postal abandonado com dunas sinuosas e um lago de água doce.

O passeio pelo delta é interessante, mas cansativo. Embarca-se no Porto dos Tatus, que fica na Ilha Grande, local de passagem pela sede das mulheres rendeiras, que fizeram o vestido de dona Marisa na posse de Lula. Depois, é muito tempo dentro de uma “voadora” para quem tem medo de água. São 54 ilhas, meandros e mais meandros com todo tipo de vegetação de manguezais. As dunas são belíssimas, se integram à paisagem dominada pelo mangue. A revoada dos guarás que encerra a turnê numa ilhota no meio das águas é bonita, mas é preciso guardar muita distância para não espantá-los.

Quanto à culinária, os peixes são ótimos. Minha referência é meu velho amigo Zé Lázaro, sujeito sofisticado, viajado e culto, especialista em vinhos e bons restaurantes. Por isso, inventei uma classificação do tipo “isso merece 3 Andrades”, melhor que a utilizada pela EMBRATUR. Fomos ao restaurante Mangata (que significa luz do luar no mar, a luz que orientava os navegantes antigos), um espetáculo. A arquitetura do lugar, o atendimento e a comida valiam “5 Andrades”, mas alguns detalhes a impediram de obter o grau máximo, mesmo assim recomendo. Depois conto do Parque das Sete Cidades.

Mauro Ferreira é arquiteto